

MOVIMENTO HIP HOP PELOTENSE: ENTRE DUAS GERAÇÕES

PAULO RENATO SOUZA IENCZAK¹; LORENA ALMEIDA GILL².

¹UFPEL– pauloienczak@gmail.com

²UFPEL–lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Hip Hop é um movimento cultural surgido nos Estados Unidos na década de 1970 e que se espalhou pelos centros urbanos ao redor do mundo, rompendo fronteiras nacionais e linguísticas, tornando-se a linguagem comum de expressão artística, cultural e política de parte significativa das camadas jovens, sobretudo moradores de periferia e de origem negra (CHANG, 2005); (MACEDO, 2011).

Os principais elementos que formam a cultura Hip Hop são: o MC (mestre de cerimônias, responsável por compor as letras de rap, rimar, conduzir apresentações), o DJ (Disc Jockey, responsável pela execução e mixagem das músicas em performances, programas de rádio, bailes, etc.), o grafiteiro (responsável pelas artes plásticas, feitas, sobretudo, com tinta spray nos muros da cidade), o B. Boy (breaker boy, dançarino que geralmente executa estilos de dança como o popping, o locking e o break), e o conhecimento – ou quinto elemento – que é o perpassa os outros quatro elementos. Sem o conhecimento correto sobre a própria cultura Hip Hop e sobre o mundo, as outras quatro expressões seriam vazias de sentido.

No Brasil, a partir da década de 1980, surgem as primeiras manifestações de cultura Hip Hop. À época, o cinema foi uma das principais fontes de informação para os jovens que traçavam seus primeiros contatos principalmente com a dança. O filme *Beat Street* é citado por ALVES (2004) como um marco referencial onde vários praticantes da cultura perceberam que tudo se tratava de um movimento maior, que tomava proporções globais.

Em Pelotas, a história do Hip Hop remete ao início da década de 1990, quando os primeiros rappers da cidade começavam a escrever e gravar suas músicas. Havia uma cena de música negra estadunidense fomentada nos bailes de Charme na cidade, em que os DJs traziam também músicas de rap em suas discotecagens, bem como as equipes que promoviam bailes também trouxeram shows de rappers brasileiros. Uma segunda geração do Hip Hop pelotense se forma a partir dos anos 2000, e a relação de identificação/diferenciação entre essas duas gerações é o que investigo em minha pesquisa de Mestrado.

2. METODOLOGIA

Minha pesquisa é baseada principalmente em narrativas orais, obtidas através de entrevistas com indivíduos ativistas, artistas, entusiastas do Hip Hop, na cidade de Pelotas. Os entrevistados serão de ambas as gerações do movimento na cidade – a que surge na década de 1990 e a que se desenvolve a partir de meados dos anos 2000.

A modalidade de História oral mais adequada à presente pesquisa, sem dúvida, é a História oral temática (MEIHY; HOLANDA, 2007), já que se pretende entender qual a participação dos narradores dentro do tema de pesquisa: o movimento Hip Hop no contexto da cidade de Pelotas. É fundamental ao pesquisador ter duas questões muito claras em mente antes de se partir para a prática de pesquisa em campo: o conhecimento sobre o objeto de pesquisa estudado, o que implica um estudo através da bibliografia já produzida sobre o assunto e um bom conhecimento teórico a respeito das dificuldades e cuidados com a metodologia a ser utilizada. No caso do meu trabalho, em particular, isso significa entender o universo, linguagem e história do Hip Hop e ter consciência do que implica o trabalho com a História oral.

Para se entender melhor a História Oral é indispensável atentar para alguns conceitos que são intrinsecamente ligados a essa metodologia, tais como a memória e a identidade.

Um autor importante para entendimento da relação memória e identidade é CANDAU (2012), que traz uma análise e classificação da memória mais aprofundada. Segundo Candau a memória se relaciona com a identidade em diversos níveis. A protomemória, por exemplo, se refere a questões que se faz habitualmente, ou seja, seu modo de andar, falar, suas expressões faciais, posturas e reflexos quase involuntários e inconscientes. Protomemória é como se fosse a memória ou o passado, inscrito e manifesto no corpo humano. A memória propriamente dita, ou de alto nível, refere-se àquela sobre fatos da própria vida ou de conhecimentos adquiridos. Ela pode ser acessada proposital ou involuntariamente pelos indivíduos.

Já a memória que se relaciona mais a construção de uma identidade cultural ou social, mais interessante ao pesquisador de História oral e à pesquisa sobre Hip Hop, é, para Candau, a metamemória:

A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e de outro o que diz dela dimensões que remetem ao "modo de afiliação de um indivíduo a seu passado" e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva. (CANDAUI, 2012, p. 23)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um das entrevistas realizadas foi com um MC da geração dos anos 2000, conhecido como Garcez "Dirty Lion". O entrevistado contou sobre sua trajetória na música e no Hip Hop, e seu envolvimento com o coletivo de Hip Hop chamado Kzero Alternativo, ou simplesmente KZA. Esse coletivo causou estranhamento inicialmente no meio do Hip Hop de Pelotas, principalmente por conta de suas músicas de rap abordarem temas diversos como relacionamentos amorosos, relatos do cotidiano, não ficando restrito apenas ao protesto social e político, tema dominante das letras de rap daquele momento. Garcez se posiciona quanto ao tema:

[...] a cena em si ela se transforma nesse decorrer até pelo tempo histórico que tu tá vivendo. [...] são coisas particulares de cada artista [...] eu não curto muito essa "nóia" de velha e nova escola e separar por coisas às vezes desnecessárias, eu acredito que todo mundo vive a mesma cultura e as pessoas tem que entender a evolução dessa cultura.

4. CONCLUSÕES

Com minha pesquisa, a cultura Hip Hop é apresentada como material de formação identitária de seus adeptos, ao mesmo tempo em que ela é pensada como uma manifestação cultural diversa, com contradições internas, e em constante reinvenção, principalmente pelo diálogo com diversas culturas e diferentes setores de cada sociedade. Em Pelotas o movimento conta com jovens que tem seu envolvimento nos anos 2000, enquanto os pioneiros na cidade iniciam-se na década de 1990, formando opiniões e estilos contrastantes, mas não necessariamente conflituosos. O debate da relação intergeracional é o principal diferencial das outras pesquisas sobre Hip Hop pelotense.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V.. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005
- ALVES, C.. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.
- BRIÃO, H. d. R.. **O rap pelotense manda um salve: um estudo sobre juventude, quilombismo urbano e inclusão social**. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- CANDAU, J.. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- CASTELLS, M.. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHANG, J.. **Can't stop, won't stop: A history of Hip Hop generation**. St. Martin's Press: New York, 2005.
- HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004
- MACEDO, I. Linguagem Musical Rap: Expressão Local de um fenômeno mundial. **Tempos Históricos** (EDUNIOESTE), v. 15, p. 240-288, 2011.
- MARTINS, C. H. S. **MEMÓRIA DE JOVENS: diálogos intergeracionais na cultura do Charme**. Tese de Doutorado. Doutorado em Educação. Universidade Federal Fluminense, 2010.
- MEIHY, J. C. S. B. e HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- VIEIRA, M. R. R.. **“Minha palavra vale um tiro. Eu tenho muita munição”: movimento Hip-hop e a fabricação de identidades**. 2008. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.

Fontes Orais

Entrevista de Cícero Garcez Ribeiro, 26 anos, realizada por Paulo lenczak, no dia 12 de dezembro de 2014.